



sete

CAPA

# O DOURO ESTÁ NO MUSEU



A mais antiga região demarcada do mundo arranhou uma «sede» onde o antigo se junta ao contemporâneo. O Museu do Douro inaugura, na Régua, com os olhos postos no futuro. Alto Douro Vinhateiro é Património Mundial da UNESCO há sete anos **ANA LUÍSA BARROSO** TEXTO E **LUCÍLIA MONTEIRO** FOTOS

**Q**uando inaugurar, no próximo sábado, dia 20, aquele edifício cor de ferrugem há-de estar orgulhosamente engalanado para receber os visitantes. O jardim relvado está pontilhado por pequenas laranjeiras, já carregadas de frutos, e portúlias frágeis, ainda despidas. Lá dentro, as vitrinas da loja recheadas. A exposição montada e pronta a dar a conhecer a vida e obra do Barão de Forrester, o homem que adoptou o Douro e se destacou em áreas tão diversas como a viticultura, a cartografia, a fotografia e a pintura.

Quando abrir as portas altas, imponentes, aquele edifício de 1783, que agora convive com um novo, cinzento, de arquitectura contempo-

rânea, deverá deixar respirar a história da Região Demarcada do Douro. E mostrar como conseguiu resistir aos reveses que, desde 1997, foram-no impedindo de se dar ao Douro como sede.

Mas a história do Museu do Douro, que se instalou no antigo edifício da Casa da Companhia Velha, na Régua, não começa agora. Começou há já alguns anos. «Tivemos que mostrar que conseguíamos fazer alguma coisa para termos sede», resume a coordenadora do Serviço de Museologia, Natália Fauvrelle. Actividades para crianças, exposições e eventos comemorativos da constituição da Região Demarcada do Douro, lançada pelo Estado português em 1756, foram alguns dos projectos desenvolvidos ao longo dos anos.

Agora, o Museu do Douro está com os olhos postos no presente e, sobretudo, no futuro.

O Serviço Educativo, instalado num edifício criado de raiz paredes-meias com o museu e dedicado sobretudo ao público escolar, pretende desempenhar um papel na formação de uma consciência colectiva e na valorização da região, que envolve 22 municípios. A importância da actividade e da paisagem foi reconhecida pela UNESCO em 2001, quando elevou o Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial.

À entrada, ainda lá fora, inscrições feitas no rebordo de pedra que abraça as portas testemunham como o rio Douro, no final do século XIX e início do século XX, entrou, sem pedir licença, no edifício. Hoje, o rio corre mais ou menos sereno.

O visitante é, então, convidado a entrar. Se optar por virar à esquerda, chegará à loja. Produtos associados ao Museu do Douro, criados pelo



designer João Machado, como *T-shirts* ou chávenas de café, podem ali ser adquiridos. Haverá ainda uma zona dedicada aos produtores da região, que são desafiados a exporem e comercializarem vinhos, produtos gourmet e outros objectos culturais do Alto Douro Vinhateiro.

#### FRADINHOS, MAPAS E CONVERSAS

Se optar por virar à direita, poderá percorrer a exposição dedicada ao Barão de Forrester. Num primeiro corredor, terá acesso a uma cronologia, onde constam os principais momentos da vida

de Joseph James Forrester, bem como a uma parede interactiva que permite, através de um toque, conhecer os locais mais emblemáticos ligados à vida desta personalidade.

Se quiser andar mais, o visitante terá que pagar 3 euros. Poderá, então, ver toda a exposição *Barão de Forrester, razão e sentimento. Uma história do Douro (1831-1861)*, patente até Outubro de 2009. Ao todo, 11 núcleos contam o percurso deste jovem escocês que chegou ao Porto em 1831. *Cerco do Porto, Forrester e a Comunidade Inglesa no Porto, Forrester e a pintura no*

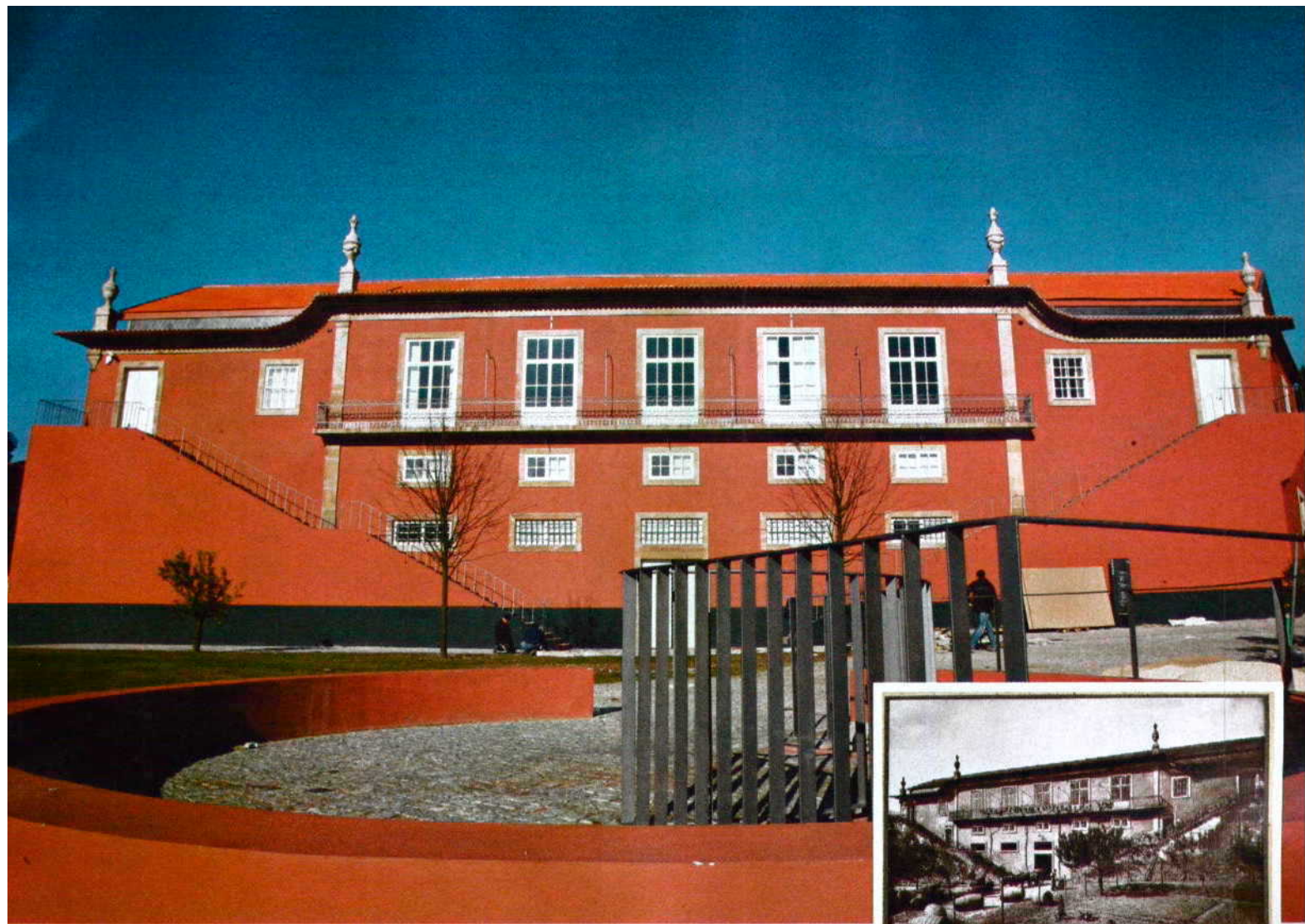
*Romantismo* ou *Forrester, um amor da fotografia em Portugal* são alguns dos temas dos núcleos.

«Pretendemos mostrar mais do aquilo que hoje se conhece», diz, entusiasmada, Márcia Barros, coordenadora executiva da exposição.

Levantemos um pouco o véu: por ali, o visitante vai poder ver objectos ligados à vida do Barão, que desempenhou um importante papel na expansão da Offley e da indústria do vinho do Porto; vai «ouvir» um excerto de uma conversa durante a qual o escocês terá exposto, a amigos, as suas preocupações em relação à adulteração dos vinhos; vai observar mapas, pinturas e fotografias; vai saber como Joseph James Forrester adquiriu o título de Barão, depois do sucesso que alcançou, em 1855, na Exposição Universal de Paris com a ajuda dos produtos do Douro.

Entre os objectos que estarão em exposição, Márcia Barros atribui particular importância a um conjunto de 27 figuras em terracota representativas das ordens religiosas masculinas da altura, desenhadas pelo Barão de Forrester e que este levou a Paris. Os «fradinhos», como a responsável lhe chama, foram encontrados numa leiloeira e adquiridos, por sugestão do Museu do Douro, pela Sogrape, empresa detentora da Offley.





De resto, não foi difícil conseguir encontrar objectos ligados ao Barão de Forrester. «À semelhança do que ele fez, no século XIX, aquando da realização dos mapas, pedindo às pessoas que lhe indicassem a localização e o nome das quintas, nós lançámos uma campanha local para angariação dos produtos ligados a Forrester», conta. «E tivemos sucesso», congratula-se Márcia Barros.

**O NOVO E O ANTIGO**

Esta exposição está montada no centro do museu, num claustro rectangular, encimado por uma enorme clarabóia envidraçada. Nos dois andares, predominam o cinzento-escuro-baço do metal, o branco e o vidro. Tal como, aliás, em grande parte do edifício: na loja, no restaurante, na sala de leitura, nos espaços comuns.

Recuperados tal como o original foram o espaço que acolherá o wine bar, que tem prateleiras avermelhas e armários azul-sulfato, a sala de audiências, destinada a um pequeno núcleo expositivo, e a cozinha do restaurante, onde tudo foi mantido, até o forno. Refeições, para já, não há – wine bar e espaço de restauração ainda não foram concessionados, devendo abrir lá para o início do próximo ano.

Mas o Museu do Douro, cuja sede implicou um investimento de mais de 5 milhões de euros e que inclui ainda uma biblioteca e um arquivo, não é só isto. É um espaço polinucleado, porque é preciso, reivindicam os responsáveis, divulgar também o passado. E o passado está uns metros ao lado, no edifício do antigo Armazém 43, da Ferreirinha, lado-a-lado com o Solar do Vinho do Porto. «Aqui, mantivemos a memória do espaço. A ideia do Museu do Douro é recuperar património», explica Natália Fauvrelle.

Neste armazém do século XVIII, a mostra *Memória da Terra e do Vinho* quer ser o ponto de partida para a descoberta da Região Demarcada do Douro. Por isso, tudo tem aqui o seu lugar: maquetas, rosmaninho, o som do rio a correr, miniaturas de barcos rabelos, um marco de demarcação datado de 1758, pipas que ainda cheiram a vinho, garrafas de vinho do Porto.

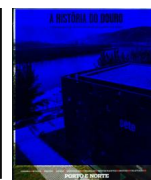
**OITO NÚCLEOS E UM TEATRINHO**

Ainda por recuperar, mas já com projecto, está o Teatrinho da Régua. A meio caminho entre o Solar do Vinho do Porto e a sede do Museu do Douro, o edifício data do início do século XX e servirá de auditório. Espalhados pela Região

Demarcada do Douro, oito núcleos museológicos completam o projecto e vão fazer parte da programação do Museu do Douro. O primeiro abre já em Janeiro, em Tabuaço. É o Museu do Imaginário, criado em torno da *Lenda da Calçada de Alpajares*, à qual se associam diabos, almas vendidas e galos que cantam. Não passa, afinal, de uma calçada romana. Neste museu, um chão interactivo partilha o espaço com uma exposição de fotografia e um pequeno filme. Os restantes núcleos, cuja abertura não está prevista para já, vão ter como tema Pão e Vinho (Favaio), Amêndoa (Vila Nova de Foz Côa), Arrais e Cereja (Resende), Vinho (S. João da Pesqueira), Seda (Freixo de Espada à Cinta), Somagre (Vila Nova de Foz Côa) e Barqueiros (Mesão Frio).

**MUSEU DO DOURO**

R. Marquês de Pombal, Régua, T. 254 310 190  
**Ter-Dom 10h-18h**  
 €5 (Exposições do Museu do Douro e Antigo Armazém 43)



# A HISTÓRIA DO DOURO

A mais antiga região demarcada do mundo exposta num museu

